

Reflexões entre e Estética Audiovisual, o Cinema e a Educação Libertadora: Diálogos com a Formação na Pedagogia Social

Alice Akemi Yamasaki¹

Adriana da S. Calazans De Oliveira²

Luana Chaves de Farias³

RESUMO: Este artigo buscou contribuir para o fortalecimento da Pedagogia Social por meio de reflexão entre uma formação estética em audiovisual, algumas passagens presentes no filme Humanos (2015) e ideias presentes na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996), que dialogam com o tema da diversidade e da formação de educadores. O ponto de encontro entre as autoras ocorreu durante o curso de especialização em Pedagogia Social, da Universidade Federal Fluminense. No processo de elaboração de práticas educativas dialógicas, alguns questionamentos foram norteadores ao desenvolvimento de nossas reflexões: quais as possibilidades de estabelecermos diálogo e relação entre o conhecimento audiovisual, a linguagem cinematográfica, o pensamento freireano e a Pedagogia Social? Em que medida essa interface permite enriquecer a formação ética e estética de educadores e educandos na Pedagogia Social, fortalecendo seu papel no desenvolvimento de práticas que valorizem a diversidade e os direitos humanos? Compartilhar as reflexões desencadeadas a partir da articulação entre saberes da estética audiovisual, especialmente aquela que envolve o cinema, e os saberes da docência do educador social possibilitou indicar um campo fértil de contribuição na formação crítica do trabalho de educadores sociais, de modo a revelar sentidos estético-éticos na Pedagogia Social.

Palavras-chave: Pedagogia Social, cinema e audiovisual, pedagogia libertadora

¹ Pedagoga (USP) /Doutora em Educação (USP) / Professora da Faculdade de Educação e do Curso de Especialização em Pedagogia Social da UFF.

² Pedagoga (UFF) /Professora da Rede Municipal de Educação de Niterói e São Gonçalo /Pós-graduanda do Curso de Especialização em Pedagogia Social da UFF.

³ Historiadora (UFRJ) / Licencianda em Cinema e Audiovisual (UFF) /Bolsista Iniciação à Docência do PIBID UFF/CAPES Cinema.

Introdução

As práticas adotadas por educadores sociais exigem um olhar ampliado sobre as condições de exclusão e de vulnerabilidade a que o ser humano é submetido nos variados processos históricos de violação de sua dignidade. Não basta reproduzir práticas escolarizadas: diferentes campos da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, do Serviço Social, do Direito estão implicados no fazer educativo de um pedagogo social. Debater a condição da exploração e da subordinação humana é importante, mas seu conteúdo não deve ser tratado de forma superficial; é necessário que a sensibilidade humanizadora estabeleça-se entre educadores e educandos, de modo que a alteridade e a reciprocidade passam dimensionar o diálogo a ser construído entre educadores e educandos. O educador social enfrenta o desafio de aprimorar a linguagem que adotará para trazer à reflexão coletiva e pública aspectos muitas vezes traumáticos e dolorosos na história de vida de cada pessoa. Encontrar uma fórmula “mágica” e uma medida “ideal” entre o debate e a reflexão sobre os processos de violência sobre a vida não é fácil: cada educador social formulará seu acervo de práticas que oferecerá, individual ou coletivamente, aos que participam de seu grupo de cuidado e atenção.

A linguagem do educador social é aquela que entrelaça sua própria trajetória na superação de seus anseios, seus medos, suas angústias e sua força, física e espiritual. Uma linguagem que vai acrescentando a formação técnica e os saberes da Pedagogia Social. Paulo Freire (1996) defende que o ensinar exige ética e estética. Os cursos de licenciatura, de um modo geral, enfatizam aspectos técnicos e éticos, restando ao futuro professor uma busca pessoal para complementar sua formação estético-pedagógica. A área de Cinema, em especial a de Cinema e Educação, pode contribuir com as práticas da Pedagogia Social na medida em que a estética e as artes devem também ser uma dimensão do conhecimento presente no processo de enfrentamento à violação da dignidade humana. O campo do Teatro, das Artes Plásticas em geral, a Contação de História são algumas possibilidades de fazer pedagógico que auxiliam o Pedagogo Social em suas atividades educativas cotidianas, na luta pela recomposição e pelo fortalecimento das pessoas que

enfrentam diferentes tipos assédios que as vulnerabilizam e as expõem diante de crueldades nas relações interpessoais.

No processo de elaboração de práticas educativas dialógicas, que buscassem se aproximar dos dramas humanos enfrentados no cotidiano por muitas e muitas pessoas, lançamos alguns questionamentos: quais as possibilidades de estabelecermos diálogo e relação entre o conhecimento audiovisual, a linguagem cinematográfica, o pensamento freireano e a Pedagogia Social? Em que medida essa interface permite enriquecer a formação ética e estética de educadores e educandos na Pedagogia Social, fortalecendo seu papel no desenvolvimento de práticas que valorizem a diversidade e os direitos humanos?

O presente artigo tem o objetivo de compartilhar reflexões desencadeadas a partir da articulação entre saberes da estética audiovisual, especialmente aquela que envolve o cinema e os saberes da docência do educador social.

O campo teórico da Pedagogia Social vem se afirmando cada vez mais com solidez. Acreditamos que a linguagem audiovisual e o uso do cinema como dispositivos de sensibilização e de reflexão sobre a humanidade são ricos espaços-tempos de formação humanística. Com a finalidade de materializar esta compreensão, realizamos uma oficina intitulada "*Audiovisual e Paulo Freire: Contribuições para uma leitura de mundo*", como parte do conteúdo da disciplina Contribuições da pedagogia freireana à Pedagogia Social... Em uma rica manhã do curso de especialização em Pedagogia Social, debateu-se o cinema e sua linguagem, dividindo-se momentos de apresentação histórica da evolução do cinema e de desenvolvimento de atividades com dispositivos propostos no projeto "Inventar com a Diferença"⁴. Os dispositivos⁵ selecionados foram Cores e Texturas⁶ e Foto

⁴ O projeto oferece formação e acompanhamento a educadores do país para trabalho com Cinema e Direitos Humanos. O projeto de realização da UFF junto com a Secretária de Direitos Humanos atuou no ano de 2014 e neste ano de 2016 volta com sua segunda edição.
<http://www.inventarcomadiferenca.org/>

⁵ Sobre o conceito de dispositivo no cinema: "O dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. O criador recorta um espaço, um tempo, um tipo e/ou uma quantidade de atores e, a esse universo, acrescenta uma camada que forçará movimentos e conexões entre os atores (personagens, técnicos, clima, aparato técnico, geografia etc.). O dispositivo pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes; e outra de absoluta abertura, dependente da ação dos atores e de suas interconexões; e mais: a criação de um dispositivo não

Narrada⁷ (Migliorin et. all., 2014). Nessa aula, buscou-se problematizar a diferença e o respeito à Diversidade, e indiretamente aos Direitos Humanos. Os dois exercícios audiovisuais contribuíram para criar uma narrativa oral, no campo da Pedagogia Social, refletindo coletivamente sobre a memória e a narrativa implícita que às imagens, destacando como se deu na imagem (visual e sonora) a construção da narrativa e os atravessamentos acerca dos Direitos Humanos.

A partir de algumas sequências do filme, podemos fazer relações com nosso cotidiano e pensar formas de interlocução com a docência, modos como podemos nos relacionar com a educação. A partir da interpretação que fazemos de um filme podemos refletir sobre questões importantes à Pedagogia Social. Não necessariamente, o diretor de *Humanos* (2015) quis afirmar, nas construções dos planos e sequências a seguir mencionados por nós, dizer o que afirmamos. Em nossas interpretações, partimos dos atravessamentos que o cinema, como arte, fez em nós enquanto expectadoras. Neste artigo, partimos da nossa leitura de mundo e vivências anteriores ou concomitantes, incluindo alguns recortes da arte cinematográfica que nos atravessa e nos possibilita desenvolver reflexões. A seguir apresentamos, nossa tessitura coletiva, entrelaçando nosso referencial teórico em Paulo Freire (1996), com sua Pedagogia da Autonomia, e algumas passagens do filme *Humanos* (*Humans*, 2015).

Entre a estética audiovisual, o cinema e a educação libertadora

Assumir um posicionamento estético e ético na educação de seres humanos é incentivar que o olhar para o rosto de cada sujeito, em sua diversidade histórica, étnica e cultural possa ampliar-se, e aprofundar-se, sobre o humano que nos habita

pressupõe uma obra. O dispositivo é uma experiência não roteirizável, ao mesmo tempo em que a utilização de dispositivos não gera boas ou más obras por princípio.” (MIGLIORIN,2005).

⁶ Dispositivo Cores e Texturas: 1. Cada aluno ou grupo filma quatro (4) planos concentrados em diferentes tons e texturas do corpo (pele, pés, cabelos, etc). 2. Dar preferência a planos fechados, closes e detalhes. Os planos não podem ser nem muito longos, nem muito curtos. 3. O exercício se conclui depois que todos os planos estiverem montados em sequência. (MIGLIORIN et. all., 2014)

⁷ Dispositivo Foto Narrada: Filmar alguém narrando uma fotografia (MIGLIORIN et. all., 2014)

e compreender a beleza de cada um, dentro da sua cultura e dos seus modos de viver. Assumir que ensinar exige estética e ética (FREIRE, 1996) permite-nos ser capazes de apresentar uma educação que desenvolvam a criticidade e a autonomia de educadores e educandos para se apresentarem como são, e legitimar seus conhecimentos de mundo, a forma como apreendem a sociedade onde estão inseridos e o respeito às suas singularidades.

O educador social deve assumir o desenvolvimento de atividades que facilitem um pensar certo, diante da expressão que está presente no rosto de cada um. Nesse sentido, a prática pedagógica que entrelaça educadores e educandos exige um olhar profundo, sem preconceitos sobre a vida de cada sujeito. O filme *Humanos* (2015) trouxe diversificados planos em que a diversidade histórica, étnica e cultural dialogam e compõem com a riqueza estética, colaborando com o entendimento da reflexão freireana de que ensinar exige ética e estética. Seleccionamos algumas passagens (*Humanos*, 2015,) para ilustrar essa diversidade:

- *Homem negro, com a textura da pele queimada pelo sol, cicatriz no nariz com a textura dos olhos amarelados, quase vermelhos (00:25).*
- *Mulher ruiva, com a textura da pele do rosto cheios de sardas E bem avermelhadas, leve sorriso. Cabelos com a textura de tranças afro, grossas e coloridas de vermelhas (00:34).*
- *Homem negro com olhar reflexivo, bigodes longos E com a textura dos olhos com aparência de molhados (00:42).*
- *Homem branco com a textura da pele cheias de rugas, olhar bem marcante E touca na cabeça (00:49).*
- *Mulher Oriental com leve sorriso no rosto com a textura do rosto com leves traços de rugas marcados pela idade (1:00).*
- *Mulher usando a burca, com o olhar bem marcante na textura da menina dos olhos é possível visualizar algo (1:07).*
- *Homem branco com a textura do rosto cheia de pelos. No olho direito é possível observar uma pequena lágrima (1:23).*
- *Mulher muçulmana com a textura da pele com marcas de expressões, lábios com traços bem marcantes e uma verruga. Cabelos com uma textura lisa, partidos no meio e no início e a com cor avermelhada (1:31).*
- *Mulher jovem com a textura da pele marcada com leves traços de expressão. Olhos claros e dentro da menina dos olhos aparecem uma paisagem (1:36).*

Entre *Humanos* e Paulo Freire:

reflexões sobre os sentidos estético-éticos na Pedagogia Social

Paisagem – sombras e montanhas – A caminhada pelo deserto com animais a textura da pele queimada pelo calor do sol do dia e o frio da noite. Alguns homens com o um olhar triste (03:24).

O modo de sobreviver durante uma caminhada pelo deserto é algo que é aprendido e passado de geração a geração nas relações interpessoais. Os homens mais velhos ou mais experientes, na caminhada, vão ensinando aos menos experientes, como é possível passar pelo deserto sem sofrer alguns danos e ainda proteger os animais. É nessas possíveis interações acontecem o processo de ensino e aprendizagem que não ocorre de forma mecânica, mas a partir da prática crítica e reflexiva, como o plano apresentado revela sobre o caminhar pelo deserto. Ao ensinar, os mais experientes problematizam alguns saberes e os menos experientes podem ressignificá-los de acordo com a percepção que eles vão passando a ter sobre o deserto. E nesta troca de conhecimento quem ensinou aprendeu e quem aprendeu ensinou também.

Paisagem – campo florido com textura de flores e capim bem verdes. Homens a pé e a cavalo. Cavalos com a texturas dos pelos lisos das cores brancos, marrons, negros e malhados (24:50).

Respeitar a autonomia do ser do educando (FREIRE,1996) pode ser compreendido, metaforicamente, como a paisagem acima se apresenta. Tem horas que o educador vai construir conhecimentos em que permite que o educando, com sua identidade e autonomia, “conduza o cavalo montado” e em outros momentos “conduza o cavalo caminhando a pé”. As texturas e as cores dos cavalos representam as várias formas que cada um vai apreendendo os conhecimentos que lhes são apresentados. Cada educando vai ressignificando os saberes, para que esses possam melhor atender as suas necessidades de ser e de existir. Os campos floridos poderiam representar os vários conhecimentos que estão presentes no contexto social e que cada um vai se encantar e se identificar com aquilo que mais lhe chamou a atenção e mexeu com o seu interior. Então, é no diálogo com o

educando que o educador faz com que este se faça um ser pensante e reflexivo, capaz de mudar a sua forma de pensar e de ler o mundo, subsidiando-o com conhecimentos e saberes para ser capaz de intervir no seu meio social, de modo a respeitar o outro com suas formas diferentes de pensar e se relacionar na realidade social.

Paisagem com várias pessoas circulando lentamente. Parece ser uma feira com várias tendas, de texturas com estampas coloridas e que identificam a cultura dominante da localidade. A sequência apresenta muitas roupas espalhadas nos varais. Quase não aparece a textura grossa e marrom do chão (25:51).

Esta parte do filme *Humanos (2015)* nos mostra a importância de permitirmos que os educandos se assumam como sujeitos históricos nas suas interações com os outros. Concordamos com Paulo Freire (1996), ao afirmar que “*ensinar exige o reconhecimento e a assunção de identidade cultural*”. A feira também é um local possível para a troca de conhecimentos e a construção de pessoas pensantes e críticas. Partimos da compreensão que a construção do conhecimento acontece em todos os espaços e contextos sociais. A forma como as pessoas se relacionam e interagem entre si, se vestem e falam são formas de educação que estão sendo apreendidas e percebida pelos múltiplos sujeitos que estão circulando neste ambiente. Este contexto de ensino e aprendizagem, diversificado, cheio de cores e de sons, e que pode ser recriado nos espaços de formação da Pedagogia Social e das escolas, pode permitir que os educandos se tornem seres pensantes, críticos, reflexivos e transformadores da sua realidade. Também, pessoas que sejam capazes de demonstrarem a sua indignação diante de uma situação que não lhe pareceu agradável. É na relação e interação entre os sujeitos, e não na sua negação ou na negação do outro, que vão acontecendo a assunção cultural. Nesses espaços onde acontecem as aprendizagens existem contextos de formação e deformação, no qual o educador não pode negar e invisibilizar. Também é possível construir com o educando a reflexão crítica para, a cada dia, se construir como sujeitos que amam, se indignam, que criticam e que também é capaz de transformar a sua realidade e favorecer a transformação da realidade de outros sujeitos.

O plano mostra homens trabalhando. Parece ser a fabricação de um telhado que é tecido coletivamente. A textura do telhado lembra uma lona (47:55).

Na construção deste telhado ocorrem interações, trocas, sociabilizações entre os sujeitos, que estão trabalhando na construção do telhado. Os sujeitos, a partir da percepção crítica desta realidade de produção, ensinam em uma perspectiva em que todos são sujeitos aprendentes e ensinantes. Nesta possível interação entre sujeitos, vão sendo criadas as possibilidades para que os conhecimentos vão se entrelaçando e vão sendo construídos e materializados no decorrer da formação do telhado.

Paisagem de Montanha com texturas de rochas com cores claras e escuras. Outra paisagem é o mar com águas com texturas esverdeadas e brancas, de longe parece com uma fumaça. Em alguns momentos o mar esta clamo em outros apresenta agitação (36:27 à 39:05).

O plano em que se confundem as texturas e as formações diversificadas das rochas, acrescido aos movimentos dos mares, nos mostram as modificações que ocorrem no decorrer das várias eras de transformações que a natureza sofre no decorrer dos dias, meses e anos em nosso planeta. Paulo Freire (1996) diz que as experiências que vivenciamos ao logo do ensino e aprendizagem vão se repetir assim como os movimentos das ondas dos mares, que a cada vento ocorre uma experiência diferenciada para o próprio mar, para aqueles que estão no mar e para aqueles que estão a observar os movimentos das ondas. Assim como a natureza também somos seres que estamos em constante movimento, que podem vir a se efetivar em transformações que podem ser físicas, emocionais, intelectuais, sociais. Em cada experiência de mudança, vivenciamos coisas diferentes. Não somos seres cristalizados e estáticos. Somente entre os seres humanos o inacabamento é realizado de maneira consciente. Assim, como existe as mudanças na natureza, o ser humano também vai mudando no decorrer das relações que estabelece com a natureza e com os outros sujeitos que fazem parte do seu meio social. Por isso, “*ensinar exige a consciência do inacabamento* (FREIRE, 1996).”

Paisagem formada por um paredão de rochas com texturas grossas. Planificações com cassas com texturas lisas e coloridas (01:11:57).

Os paredões das rochas presentes nesse plano podem ser lembrados como os vários problemas sociais que a escola enfrenta. Tais problemáticas não devem ser negadas e nem invisibilizadas, mas enfrentadas coletivamente e dialogadas com reflexão e criticidade. Na prática pedagógica, o educador precisa desenvolver suas atividades, que são intencionais e marcam uma posição na sociedade, com alegria e esperança (FREIRE, 1996) de que é possível a mudança. O educador precisa desenvolver situações pedagógicas em que o educando tenha a compreensão de que existem e existirão muitos “paredões montanhosos” ao longo da vida. Situações pedagógicas que demonstrem que o enfrentamento de vida não necessariamente seja um obstáculo impeditivo, mas sim um momento de parar e refletir sobre o melhor meio de superar as problemáticas que vão surgindo nas nossas vivências e interações sociais.

Paisagem formada por muito verde. Parece ser um sítio com uma casa com a textura de pau a pique. Muitas roupas na corda. Cavalos galopando próximo a casa e uma mulher de pele negra com roupas claras em pé na porta com as mãos na cintura (00:13:23).

É importante que o educador, antes de começar qualquer círculo de cultura, conheça a realidade dos educandos e lhes proporcione atividades que lhes façam sentidos. Por isso, “*ensinar exige a apreensão da realidade*”, como afirma Paulo Freire (1996). Também é importante termos em mente que cada educando reconhecerá aquele novo conhecimento de acordo com sua interpretação sobre a realidade. Cada um fará uma interpretação, uma leitura de mundo. Com certeza a mulher apresentada na cena acima tem uma interpretação do seu meio social que está de acordo com a maneira que apreende o mundo, suas relações sociais e os sujeitos que as cercam. A capacidade que os sujeitos desenvolvem na aprendizagem não se restringe a simplesmente para se adaptar no mundo e na vida, mas sim para transformá-las.

Paisagem – quintal sem plantas. O chão com texturas de areia fina. Duas pessoas negras colocando roupas com diversas cores e texturas, para quorar no sol (00:13:49).

O ensino começa pela pesquisa, então os dois são indissociáveis. No dizer de Freire (1996), “ensinar exige pesquisa”. As pessoas que estão colocando a roupa para quorar, fazem parte de um contexto social que considera eficaz e importante esta forma de cuidado com o tecido das roupas. Por trás deste modo de vida, existe um conhecimento, fruto da observação e da pesquisa, que considera que é melhor quorar a roupa para deixá-las mais limpas e que não se pode colocar as roupas ao sol em cima de plantas. Então, há uma necessidade de que aquele ambiente seja sem plantas. Do ponto de vista da prática pedagógica, o educador precisa ser pesquisador da cultura e da história de seus alunos para que seu ensino possa também ser efetivo e ajudar os seus educandos nos seus processos de construção de conhecimento. E, que tal processo não seja na mera transmissão de conhecimentos, mas um processo que seja para a formação do educando pesquisador e que através das hipóteses que conseguiu elaborar e expressar, possa problematizar o conteúdo e ressignificá-los de acordo com seus interesses. No campo da Pedagogia Social, é ressignificar a relação do educando com a sua comunidade e seu grupo social, fortalecendo o tecido (social) que vai acolher, proteger e crescer com esse ser humano.

Paisagens formadas por rochas dos dois lados com uma ponte de madeira e um rio ou correnteza passando por baixo. A ponte é composta por três troncos de árvores secas com textura lisa. Homens negros passavam na ponte com sacos de alimentos nas costas. A distância da ponte para a correnteza parece muito alta (1:16:16).

Ao atravessar a ponte, carregando sacos de alimentos, existe um risco de alguém cair no rio, morrer ou ainda perder o saco de alimento. No exercício da prática pedagógica não é diferente. O educador não deve ter medo dos riscos que estão presentes no desenvolver da sua prática. Também não podemos discriminar a

forma como as pessoas relacionam e apreendem a realidade. Na prática pedagógica é necessário que exista uma reflexão sobre tudo que surge de novo e tudo que está presente no meio social. Por isso não podemos rejeitar o novo e nem discriminar o velho. Como afirma Paulo Freire (1996) “*ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou contribuir para o fortalecimento da Pedagogia Social por meio de reflexão entre uma formação estética em audiovisual, algumas passagens presentes no filme *Humanos* (2015) e ideias presentes na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996) e que dialogam com o tema da diversidade e da formação de educadores. Acreditamos que há um campo fértil de contribuição do Audiovisual na formação crítica e no desenvolvimento do trabalho de educadores sociais.

Por meio de uma produção cinematográfica, a percepção da diversidade de culturas e de modos de vida em nosso planeta, podemos ampliar nossa sensibilidade ante a humanidade. A relação da Pedagogia Social com o campo do cinema pode favorecer um movimento de aprofundar o conhecimento e a reflexão sobre diferentes histórias narradas, envolvendo tanto uma dimensão ética como a estética, colaborando ativamente com uma Educação em Direitos Humanos. As contribuições teóricas de Paulo Freire, somadas a essa relação Cinema e Pedagogia Social, permitem semear uma concepção de Educação comprometida com a emancipação social, subsidiando e explicitando aspectos fundamentais para uma ética e uma estética docente emancipatória, humanista e convergente ao campo de práticas do Educador Social.

Os planos e sequências, destacados neste artigo, constroem imagens visuais e sonoras sobre pessoas diferentes ao redor do mundo. Como percebemos nos recortes selecionados do filme *Humanos* (2015), como um todo, a diversidade de pessoas, de suas cores e texturas, fazem parte da narrativa documental que o diretor se propõe a fazer na leitura de mundo que decide abordar. Essas diferenças destacadas propõem-se a construir uma história que conte sobre as relações humanas ao redor do mundo.

Nossas considerações reiteram que, apesar das diferenças, de cores e texturas, de cultura as pessoas, existem semelhanças e que a dignidade está em ter os Direitos Humanos reconhecidos e respeitados. Aliado a isso, os planos do micro (indivíduos, como sinalizamos acima) sempre se deslocam para planos do macro, apresentando grande paisagem. Nesse sentido, demonstram a intensa relação entre ser humano e natureza, revelando esteticamente as relações entre microquestões individuais com as macroquestões estruturantes da sociedade como um todo. Podemos afirmar concretamente, que na construção narrativa através de imagens e sons sobre a diversidade da vida, o diretor alcança a síntese do *Humanos* [*Humans*, no seu original] (2015). Somos todos humanos, diferentes em questões sobre a vida e com relações sociais parecidas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUMANO (*Human, original*): Yann Arthus-Bertrand. Produção: Florent Gilard. Documentário, França, Paname Distribution, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. 2005. Dispositivo como estratégia narrativa, In: Revista eletrônica DIGITAGRAMA, número 3, Rio de Janeiro: 2005. Disponível em

MIGLIORIN, Cezar et. all., *Material de Apoio Inventar com a Diferença*, Niterói: UFF, 2014.